

## **“ANTES DE ENTRAR NA FACULDADE, NÃO TINHA ESSE HÁBITO” : LEITURAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Ana Elisa Ribeiro

Centro Federal de Educação Tecnológica CEFET MG e Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da UFMG.

**Resumo:** A partir da aplicação de um questionário estruturado sobre leituras em ambientes impressos e digitais, foram analisadas as respostas de 144 estudantes universitários de primeiro período da área de Saúde de um Centro Universitário privado de Belo Horizonte. Os resultados apontam para alunos do ensino superior que não são, em sua maioria, leitores habituais de livros e jornais. Também parece haver uma desmitificação do livro como objeto prestigiado de leitura, sendo ele considerado em pé de igualdade com jornais, revistas e Internet. Além disso, a instituição de ensino superior parece funcionar como agência de letramento, inclusive digital, enquanto o ensino básico se revela de pouca contribuição em relação à iniciação dos estudantes no mundo da informática. A presente comunicação é resultado parcial de tese de doutoramento em andamento na UFMG.

**Palavras-chaves:** letramento, leitura, letramentodigital, ensino superior.

## 1 Introdução

Na virada do milênio, o surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação surtiu o efeito, entre outros tantos, de provocar discussões sobre as práticas do leitor e o acesso à leitura, inclusive de material impresso. Se para alguns a Internet parece uma ameaça, para outros ela reforça a necessidade da leitura e da escrita, assim como vem favorecer a comunicação à distância prioritariamente via texto escrito. O letramento, agora estendido aos ambientes digitais, tornou-se aspecto relevante na pauta das discussões e no replanejamento dos tópicos relativos à escola, ao professor e ao aluno, para não dizer da reconfiguração da sociedade inteira. (SOARES, 2004; COSCARELLI e RIBEIRO, 2005).

Se as escolas de ensino fundamental ou médio demoraram a encarar os laboratórios de informática, as faculdades têm investido na compra de máquinas e na criação de sistemas para gestão de provas, notas e arquivamento de trabalhos. O aluno ingressante em universidades e faculdades, se não se tornou um “letrado digital” até aí, parece “forçado” a freqüentar laboratórios e a, pelo menos, gerir um sistema de secretaria onde obtém notas e monitora sua freqüência.

O resultado da pesquisa que apresentamos reflete alguns desses pontos. Trata-se da análise das respostas de 144 estudantes de primeiro período do curso de Enfermagem de uma instituição privada de ensino superior, em Belo Horizonte. O nome real da instituição será preservado, muito embora esta análise tenha antes a intenção de refletir sobre os vários aspectos dos dados obtidos do que de tecer qualquer crítica ao Centro Universitário onde os alunos estavam matriculados.

A instituição de ensino onde os questionários foram aplicados é uma das maiores da capital mineira, com mais de 40 anos de existência e sólida reputação, especialmente na área de Administração de Empresas. Atualmente, conta com 7 *campi* dispersos por várias regiões da cidade e mais de 10 mil alunos matriculados, em cursos de graduação e pós-graduação.

Os alunos de Enfermagem, em sua maioria oriundos de classes sociais menos favorecidas, em geral já atuavam na área de Saúde como auxiliares ou técnicos. Buscavam formação superior e perseguiam melhora profissional. Nossa intenção primeira era desenhar um perfil de leitores desses alunos. Tínhamos indícios de que não se tratava de alunos freqüentes em bibliotecas e nem contumazes leitores de jornais ou livros. Nossa hipótese era a de que os alunos recém-chegados nos cursos de Saúde não tinham, entre seus afazeres e gestos cotidianos, a leitura, especialmente a de objetos como os citados. Como professores responsáveis pelas Oficinas de Texto oferecidas nos primeiros períodos, justamente uma atitude do Centro Universitário para tentar minimizar as dificuldades dos alunos em leitura e produção de textos acadêmicos, tínhamos a intenção de sistematizar nossa percepção de que o baixo letramento dos alunos, tanto para leituras em ambientes impressos quanto digitais,

vinha de uma história pessoal e escolar pregressa em que a leitura e a escrita não estavam entre as tarefas mais freqüentes. Neste caso, presumíamos que, embora apresentasse obstáculos às vezes aparentemente intransponíveis, a entrada na faculdade representava, para a maior parte desses sujeitos, um salto de qualidade (e de quantidade) nas ações relacionadas a ler e escrever, a começar pela necessidade incontornável, que logo se tornaria evidente, de lidar com sistemas digitais, de fazer empréstimos de livros na biblioteca e de conhecer as práticas acadêmicas de textos em disciplinas do ciclo básico (Oficinas de Texto, Metodologia Científica, Sociologia, etc.).

Ao mesmo tempo que isso nos parece bom, é fácil perceber que o Centro Universitário cumpria um papel transferido a ele pelo ensino médio (e também pelo fundamental), que não teria funcionado a contento como agência de letramento, menos ainda de letramento “digital”.(KLEIMAN, 1994; COSCARELLI e RIBEIRO, 2005).

## **2 Instrumentos de pesquisa**

Para a apreensão do perfil de leitura dos alunos do curso de Enfermagem foi construído um questionário que pretendia levantar, em primeiro lugar, o conceito de “hábito de leitura” que os estudantes revelavam, assim como se estavam lendo no dia da pesquisa (leitura corrente) ou se leram livros nos últimos três meses anteriores à pesquisa (leitura efetiva). Também havia perguntas sobre o hábito de ler jornais impressos ou digitais, a citação de nomes de jornais, outros hábitos na Internet, tais como utilizar chats ou Orkut, forma de acesso, onde aprenderam a usar o computador, domínio de outros aparelhos digitais, tais como celulares e caixas eletrônicos de agências bancárias.

As questões 2 e 3 perguntavam sobre prováveis leituras em curso ou nos últimos três meses. Essas perguntas foram inspiradas na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, empreendida em 2000-2001, sob encomenda da Câmara Brasileira do Livro (CBL), do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa) e da Associação Brasileira dos Editores de Livros (Abrelivros). Entre as categorizações da pesquisa, foram considerados leitores correntes aqueles indivíduos que declaravam estar lendo no dia da aplicação dos testes e leitores efetivos aqueles que leram um livro nos três meses anteriores à aplicação (ANGIOLILLO, 2001).

Nem todos os aspectos levantados nas repostas dos alunos foram aqui analisados. Seria possível fazer outras tantas leituras dos dados obtidos, por exemplo em relação aos usos que os estudantes declaram fazer da Internet (majoritariamente pesquisas, Orkut, e-mail e bate-papos). Tais apropriações do meio são capazes de desenvolver determinadas habilidades, enquanto outras ficam à espera de uma agência de letramento que dê conta delas. Quando os estudantes dizem que “pesquisam” na Internet, o que querem, de fato, dizer? São questões que nos sugerem novas investigações. Este trabalho, no entanto, tratou de verificar a relação entre os

estudantes, suas representações da leitura e dos objetos de ler, além da discussão sobre letramento digital.

Foram aplicados 200 questionários, por duas professoras de 5 turmas de Enfermagem, nos turnos manhã, tarde e noite, sempre em primeiros períodos. Desses questionários, 144 foram respondidos e devolvidos à pesquisadora.

A escolha do primeiro período do curso deveu-se a, pelo menos, dois motivos: 1. Facilidade de acesso ao período, já que era nele que os alunos cursavam a disciplina Oficina de Textos; 2. Maior chance de encontrar ali alunos recém-chegados à faculdade, ainda não adaptados à vida acadêmica, aos textos técnicos, à linguagem científica e aos laboratórios de informática disponíveis na instituição.

Apresentaremos, a seguir, uma análise das respostas dos informantes a algumas questões, quais sejam: em relação a terem ou não o hábito de ler, a serem leitores correntes ou efetivos (ou ambos), a lerem jornais impressos e/ou na Internet, ao ambiente em que conseguem esse acesso e à forma como foram introduzidos na aprendizagem dos usos da informática.

### **3 Uma análise dos dados**

“Hábito de leitura” foi a expressão empregada na primeira pergunta do questionário aplicado aos alunos de primeiro período do curso de Enfermagem. A partir das respostas à questão era possível avaliar como cada estudante compreendia o hábito de ler, tanto em relação à quantidade de leituras quanto em relação às obras lidas. O conceito suscitou respostas que sofreram uma análise qualitativa, que era o que mais nos interessava, e a subjetividade da pergunta revelou conceitos diversos e, às vezes, opostos. Não fornecemos qualquer explicação sobre em que consistiria o “hábito de ler”. Nossa intenção era analisar, no discurso dos alunos, como compreendiam a leitura (com que frequência, em que suportes, com prestígio maior ou menor, etc.) em seu dia-a-dia.

Dos 144 alunos respondentes, 45,2% afirmaram ter o “hábito de ler”. Ao explicar e justificar suas respostas, foi grande a ocorrência de associações entre o ato de ler e a busca por atualização, aperfeiçoamento, aprimoramento, estudo e informação. Em geral, esses leitores citam os jornais como objeto de suas leituras, embora sem especificar em que meio acessam esses periódicos. Mesmo quando não nomeiam os objetos que lêem, as associações feitas entre leitura e informação ou leitura e atualização nos levam aos jornais e às revistas (impressos ou digitais) como fonte mais próxima e mais rápida de alcançar o que desejam.

As respostas dos leitores não nos diriam nada se fossem apenas um “sim” ou um “não”. Sob números e gráficos ficariam camuflados conceitos e avaliações sobre objetos de leitura. Saber o que esses leitores lêem nos ajuda a compreender sua relação com objetos impressos e digitais de ler, a frequência com que acessam esses

materiais, assim como perceber como consideram a leitura de uns ou outros objetos, mais ou menos importantes ou mitificados.

### **3.1 O que é “ter hábito”? Leitores habituais e não-leitores**

Os exemplos de respostas que analisaremos mais adiante mostram grande variação tanto quanto ao conceito do que sejam os materiais legíveis quanto sobre a quantidade desses materiais que transformam o não-leitor em leitor contumaz. Optaremos sempre por chamar os informantes pelas siglas de seus nomes seguidas de suas idades reais.

CRSA, 26, declara que é leitora habitual, assim como, NPGN, 19, RMPM, 25, DERJ, 26, e FTM, 19. No entanto, cada uma delas (leitoras) justifica a auto-avaliação com os argumentos que se seguem. A primeira diz que só lê “o que me interessa, tipo revista, história em quadrinhos”, o mesmo argumento de NPGN, que declara: “sempre leio alguma coisa diariamente, nem que seja revista em quadrinhos, desde criança gosto de ler. Meus pais sempre me incentivaram”. É interessante notar, no depoimento de NPGN, o valor atribuído às histórias em quadrinhos, que lhe parecem, pelo discurso, “leitura menor” em relação a outros objetos. A influência dos pais, para ela, parece ser decisiva na formação da leitura, o que nem sempre foi mencionado nos questionários respondidos. A família ou o lar poucas vezes foram referidos como “agência de letramento”.

RMPM se considera leitora e acha que a leitura “é fundamental no nosso cotidiano. Gosto de literatura, romances e quase sempre leio revistas e jornais”, demonstrando uma equalização no conceito de leitura em relação a livros e a outros objetos. Outros leitores também colocaram os jornais e as revistas como objetos de leitura merecedores de nota.

ISA, 19, assume os livros como objetos de leitura preferenciais, juntamente com jornais e revistas, e declara não ser leitora deles. No entanto, inclui a Internet numa categoria de objetos capaz de tornar alguém leitor. KCPM diz que adora ler livros, “principalmente que contenham histórias que elevam a minha mente”; LAS declara que lê “freqüentemente, em torno de 7 a 5 livros por ano”, média interessante para ela, acima das de GVS (“Costumo ler pelo menos 1 a 2 livros por ano e muitas revistas”) e de RCG (“leio, em média, 2 a 3 livros por ano”). No entanto, é ASCA, 20, que bate os recordes de hábito de leitura dos informantes que se declaram leitores contumazes. Esta estudante declara ler “cerca de 3 livros por mês”.

Do universo total estudado, 12,5% dos estudantes associam o “hábito de ler” aos livros, o que ocasionou respostas negativas em relação à sua classificação entre os leitores. Alguns fazem essa associação de maneira tão estreita que são capazes de desconsiderar a leitura de jornais e revistas como leitura declarável. Mesmo assim, a maioria dos leitores faz o julgamento mais amplo do que seja ter o “hábito de ler” e admite, na lista explicitada, os periódicos.

A resposta negativa ao hábito de ler dependeu de uma avaliação subjetiva interessante. Pelos mesmos motivos que alguns informantes se assumiram como bons leitores, outros negaram a habitualidade com que liam. Das pessoas que não se consideram leitores habituais, grande parte alega a falta de tempo, outra parte não menos considerável alega a falta de gosto. Grande parte dos não-leitores considera a entrada no ensino superior um grande incentivo para começar a ler (antes tarde...).

O argumento de que só lêem o necessário (não esclarecem que tipo de necessidade, mas presumimos que estejam relacionadas a atividades escolares ou profissionais) foi citado por muitos informantes. São proeminentes, nos discursos destes estudantes, a vontade e a necessidade. Ou se tem necessidade de ler, aí presumimos que essa leitura esteja relacionada à faculdade ou a alguma espécie de obrigação, ou se tem interesse espontâneo pelo que se vai ler. No caso de alguns, isso acontece raramente. Para outros, tudo está a depender da obrigação, de força maior. A leitura do “essencial” também parece relacionada à necessidade, mas não está nem em livros nem em jornais. Pode ser que essa necessidade jamais chegue para alguns.

Vários não-leitores dão depoimentos contrários ao de leitores que se disseram mais ligados aos livros e aos objetos de ler após a entrada no ensino superior. LPRL, 31, acha-se pouco leitora, portanto se classifica como não-leitora, mas admite que “estou me aprimorando depois de ter entrado na faculdade. Estou sentindo muito bem”. A sensação de estar bem parece relacionada a uma espécie de satisfação que dá à pesquisa e à sociedade em relação à leitura. AMF, 19, diz que “antes de começar a faculdade eu lia mais, agora ando sem ‘tempo’”, o que nos parece o contrário do que dizem leitores analisados anteriormente. A faculdade parece lhe ter dificultado as leituras, do que se pode inferir que o conceito de objeto de leitura de AMF é que é diferente de outros leitores. Se ela precisa ler os mesmos livros técnicos que os colegas, provavelmente não os considera itens de leitura notáveis.

A idéia de que ler é ler livros, a “leitura mitificada” mencionada por Abreu (2001), surge nos discursos de vários não-leitores declarados. “Às vezes gosto de ler Camilo Castelo Branco, mas outras coisas não tenho muita paciência” (ASS, 20), “Quando pequeno nunca despertei interesse por contos, por este motivo, hoje tenho dificuldades em português” (POC, 21) ou “não sou muito de ler livros, textos, etc.” (JCRS, 20). E não apenas o livro surge aqui como objeto de leitura por excelência, considerável e notável, mas também o livro de literatura canônica.

Dois casos curiosos nos parecem dignos de nota maior. DFU, 28, que declara não ter o hábito de ler, principalmente “depois que tive minha filha”, e WFS, 26, que diz ser leitor “só quando tem um jornal na minha frente”. A inferir pelos hábitos da mãe, se os dados do INAF 2001<sup>1</sup> indicarem na direção mais provável, a filha de DFU

---

<sup>1</sup> Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, pesquisa cujos resultados foram divulgados em 2001 e cujas análises geraram dois livros: *Letramento no Brasil* e *Letramento no Brasil – habilidades matemáticas*, organizados, respectivamente, por Vera Masagão Ribeiro e Maria da Conceição Ferreira

provavelmente não “herdará” hábitos de leitura que a mãe não tem e atribui ao nascimento da criança. Já WFS parece depender do acaso para ler um jornal. De qualquer forma, é o único objeto de leitura que menciona.

A resposta à leitura corrente foi afirmativa em 11,1% dos casos, percentual que consideramos baixo para estudantes universitários. Afora os livros didáticos e técnicos de leitura obrigatória no curso, que não foram considerados sequer pelos respondentes, detectamos também o que os jovens estavam lendo. Foram citados *best-sellers* como obras de autoria de Dráuzio Varella, Içami Tiba e Dan Brown (autor de *O código da Vinci*), além do conhecido *O monge e o executivo* e vários títulos da auto-ajuda. Houve apenas uma citação de *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.

Nos últimos três meses, isto é, entre agosto e novembro, 31,3% dos informantes declararam alguma leitura de livros. Foi fácil concluir que essas leituras deveram-se à coincidência entre vários vestibulares ocorridos na capital mineira no meio do ano de 2006, justamente alguns meses antes da aplicação dos questionários desta pesquisa.

### **3.2 Ler jornais**

A leitura de jornais é um caso à parte. 24,3% dos informantes declararam ser leitores de jornais, no papel ou na tela. Grandes jornais são misturados a tablóides e a jornais locais, tais como jornais de bairro.

O leitor de jornais digitais não distingue entre portais de conteúdo e sites dos jornais (versões *on-line* de folhas impressas). Note-se que a leitura do UOL, do Último Segundo (webjornal ligado à IG), Oi, Terra e Yahoo são considerados jornais tanto quanto *O Estado de São Paulo* e *O Globo*, primeiros jornais brasileiros a pôr suas versões digitais na Internet. O que o leitor parece distinguir aqui é a existência de notícias, não o ambiente de jornal ou de portal de conteúdo.

### **3.3 Internet e leitura**

Dos 144 informantes, 67,4% declararam que o fato de estarem na faculdade os dava acesso a computadores e à Internet. Isso já era esperado, uma vez que a instituição contava com uma ótima estrutura de laboratórios de informática e sistema *on-line* de verificação de notas e frequência. Mesmo as salas de aula contavam com equipamentos que incluíam computadores e datashows. O aluno que não entrasse no mundo dos *e-mails* e dos motores de busca logo teria que aprender a lidar com o sistema virtual em que monitoravam sua situação acadêmica, as aulas e mesmo o material didático dos professores, que podia ser disponibilizado na rede, num sistema chamado “Sala virtual”, acessível por *login* e senha específicos para cada estudante.

---

Reis Fonseca. Segundo os dados obtidos na pesquisa, há maior probabilidade de que crianças se formem leitoras por terem pais leitores e uma casa em que haja livros e objetos de ler.

A maior parte dos alunos declarou ter acesso ao computador em casa (70,1%). 22,2% deles disse ter esse acesso no trabalho (também ou isoladamente). Isso parece previsível uma vez que o trabalho de enfermeiro não condiz com tarefas delongadas na Internet. Apenas 3,5% dos informantes citaram as *lan houses* como opção de acesso à rede.

A forma como se iniciaram na informática também foi reveladora. Em alguns casos, os informantes citaram mais de um ambiente de aprendizagem, mas o que mais nos interessa aqui é verificar que a escola (ensino médio, especialmente) não tem colaborado para o letramento digital destes cidadãos. Ela ficou em último lugar entre as “agências” que iniciam as pessoas na navegação e mesmo na produção de trabalhos escolares com o uso de aplicativos *off-line*. Em números absolutos, a iniciação à informática foi citada como tendo sido levada a cabo em ambiente doméstico 70 vezes, 22 vezes no trabalho, o surpreendente número de 66 vezes em cursos livres e apenas 19 vezes em colégios e escolas de ensinos fundamental e médio (essas citações foram concomitantes, podendo o indivíduo aprender em casa e em curso livre, ao mesmo tempo).

Os cursos livres parecem ainda ser grandes responsáveis pela entrada dos indivíduos no mundo da informática. Uma geração que tem entre 18 e 35 anos e teve acesso às interfaces gráficas do tipo *desktop* e aos *browsers* do tipo Explorer já não deveriam apresentar índice tão alto de entrada em escolas livres onde se aprende a utilizar programas como Word, Excel e a navegar na Internet. Embora tivéssemos essa expectativa, não foi ela que se confirmou.

#### **4 Considerações finais: *log on* na leitura**

Embora mencionem a busca incessante por atualização e informação, os estudantes pesquisados aqui não se declararam leitores contumazes de jornais como o *Estado de Minas* ou *O Tempo* nem em suas versões impressas nem digitais. Também não parecem se reconhecer num perfil de “leitor forte”, aquele que tem a leitura de livros e outros objetos de ler como gesto comum em seu dia-a-dia.

Abreu (2001) afirma e defende o interesse do brasileiro pela leitura. Segundo a autora, o problema seria minimizado “se deixássemos de tomar como referência aqueles objetos e modalidades de leitura” mitificados por uma cultura elitizada.

Com relação às agências de letramento, urge enfatizar a pouca participação da escola, especialmente dos ensinos médio e fundamental, na formação de leitores aptos a lidar com meios digitais, se não também com o impresso. Passados mais de 10 anos da entrada dos computadores nas casas das pessoas e esse mesmo tempo da popularização da interface gráfica, é curioso que os resultados obtidos entre os estudantes apontem para fora da escola quando se pensa nas agências que têm favorecido acesso à leitura, à informação e à experiência comunicativa e cidadã em ambientes digitais, tão afeitos e apropriados às práticas leitoras e linguageiras. Embora



o ensino superior pareça favorecer a experiência com textos em vários ambientes, não ficam dissolvidos, entre os *bits* e as telas, os deveres e as obrigações de formação da educação básica, especialmente para aqueles que não passarão dela.

### Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). *Ler a navegar*. Espaços e percursos da leitura. Campinas: Mercado de Letras/ Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001. (Coleção Leituras do Brasil)
- ANGIOLILLO, Francesca. *Folha de S.Paulo*, 14 de julho de 2001. Ilustrada, p. E8.
- COSCARELLI, Carla V. Espaços hipertextuais. *Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição*, jun.2003, FAE - UFMG, BH. Coord.: Eduardo Fleury Mortimer, Ana Luiza B. Smolka. ISBN: 85-86091 (CD- ROM)
- COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- DAVIS, K. Qualitative theory and methods in applied linguistics research. *TESOL Quarterly*, v. 29, n. 3, p. 427-53, 1995.
- KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita*. Leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.
- LAZARATON, A. Qualitative research in applied linguistics: a progress report. *TESOL Quarterly*, v. 29, n. 3, p. 455-72, 1995.
- RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.